



Panorama Econômico

Edição Maio 2024



Nosso objetivo:

Cooperado, este jornal tem como objetivo gerar conteúdo educativo e informativo sobre Economia, Finanças e Investimentos. Um dos princípios do cooperativismo é a “educação, formação e informação”. Então aproveite este material criado exclusivamente para você!

O que você verá aqui:

Na edição de maio, será mostrado sobre o cenário global em especial da Zona do Euro que continua mostrando um arrefecimento da inflação e demonstrando que a política monetária na região está surtindo efeitos mais rápidos quando equiparados aos EUA. Além disso, o Banco Central Europeu já mencionou sobre uma redução da taxa de juros mais próxima.

Ademais, o rumo dos indicadores apresentados nos Estados Unidos poderá ser impeditivo para o Brasil diminuir a escala de redução da taxa básica de juros porque contribui para os investidores resgatarem seus investimentos no Brasil e sigam para a maior economia do mundo.

Na China, o país apresentou dados desfavoráveis no mês de março frente a dois meses positivos no início do ano, porém, o governo mencionou sobre um novo pacote de isenções tarifárias a fim de contribuir positivamente de reaquecer a atividade econômica.

No cenário nacional, nesta edição, será apresentado sobre a inflação que veio desacelerando equiparando ao mês anterior e que isso poderá beneficiar e contribuir para o Comitê de Política Monetária reduzir a Selic em seu próximo encontro que ocorrerá no início do mês.

Além disso, na política fiscal houve mudanças na meta fiscal e que isso foi motivo para movimentar o mercado e aumentar as preocupações quanto ao futuro das contas públicas no Brasil.

Por fim, nesta edição será mencionado sobre os principais indicadores econômicos, assim como, será apresentado as sugestões de investimentos que contribuem para a diversificação dos ativos na carteira de investimentos que auxiliarão a potencializar os retornos nos próximos meses.



Cenário Internacional

Europa: O índice de inflação do consumidor (CPI) da região confirmou a desaceleração e mostrou taxa anualizada de 2,4% em março, ante 2,6% em fevereiro. Um ano antes, a taxa era de 8,3%.

Em março, a maior contribuição para a inflação veio do segmento de serviços, seguidos dos produtos alimentares, álcool e tabaco, bens industriais não energéticos e produtos de energia.

No dia 11 de abril, o BCE manteve a taxa de juros dos países que compõem o bloco da região em 4% pela quinta reunião consecutiva. Com isso, as taxas de refinanciamento, empréstimo e depósito continuam em 4,5%, 4,75% e 4%, respectivamente.

Após a divulgação dos indicadores de março, o Banco Central Europeu (BCE) prometeu um corte nos juros em 6 de junho desde que não haja nenhuma surpresa em relação aos indicadores utilizados para definição da taxa de juros da zona do euro.

China: No dia 29 de abril, o país informou que estenderá as isenções tarifárias para importações de alguns produtos dos Estados Unidos e do Canadá até o final de novembro deste ano. Entre os produtos contemplados pela isenção estão madeira, produtos agrícolas, óleo lubrificante, máquinas-ferramentas, máquinas de forjar, produtos a laser e itens de saúde.

Os lucros das indústrias chinesas caíram em março, na comparação anual, revertendo um forte ganho nos primeiros dois meses do ano. Isso é um sinal de fraqueza da economia da China, a segunda maior economia do mundo. No dia 27 de abril, os lucros das indústrias chinesas recuaram 3,5% em março em relação ao ano anterior.

A atividade econômica da China, incluindo a produção industrial, mostrou uma melhora acima do esperado nos dois primeiros meses do ano, mas logo desacelerou em março, outro agravante é que à medida que os gastos internos são tímidos, a crise imobiliária ainda continua.



Já as previsões de inflação foram mais baixas do que na pesquisa de março, apontando para uma fraqueza nos gastos das famílias após a queda do mercado imobiliário. A inflação ao consumidor é projetada para ficar em 0,6% em 2024, abaixo do 0,8% previsto anteriormente.

EUA: O índice de preço de consumo pessoal (PCE, na sigla inglês), um dos principais indicadores de inflação do país, ficou em 2,7% no acumulado dos últimos doze meses, encerrados em março.

No chamado núcleo do PCE, que exclui gastos com comida e energia, o índice foi de 2,8%, mesmo número de fevereiro. A alta de preços foi puxada principalmente pelo encarecimento dos serviços.

Esse fator é crucial para o mercado que fica de olho neste índice por ele ser um dos principais termômetros do Federal Reserve (Fed) para medir a inflação dos Estados Unidos, porque, enquanto não atingir a meta de 2%, sustentará a taxa de juro em patamares elevados.

Entretanto, a economia americana cresceu 1,6%, uma desaceleração frente às expectativas do mercado. Apesar do freio no consumo, a inflação se manteve estável, o que gera preocupações em analistas.

A leitura do PCE deve apenas confirmar a recalibragem das expectativas que ocorreram em abril e agora apostam que o início do ciclo de cortes de juros só irá acontecer em setembro, de forma mais cautelosa, com a especulação de redução de 0,5 ou 0,25 ponto porcentual.

No dia 1 de maio, o Fed manteve os juros do país inalterados, em uma faixa de 5,25% a 5,50% ao ano. A decisão foi unânime. Esse continua sendo o maior nível das taxas desde 2001.

Cenário Nacional:

Política Monetária: Nos próximos dia 7 e 8 de maio o Comitê de Política Monetária (Copom) irá se reunir para definir sobre os rumos da taxa Selic no país. O Copom irá analisar sobre a decisão e comunicado do Federal Reserve porque são fundamentais para a avaliação dos



rumos de um cenário externo que piorou.

Além disso, o Banco Central deve avaliar a questão e o impacto da alteração a meta fiscal brasileira e seus desdobramentos nas expectativas da inflação. O Brasil não pode tirar os olhos desse impasse nos Estados Unidos porque com os juros mais altos em um país desenvolvido tornam os emergentes, como o Brasil, menos atrativos.

O último dado informado na última semana reforça o cenário de um mercado de trabalho aquecido no Brasil e que, segundo analistas, podem jogar mais pressão sobre o Copom. Divulgado pelo Ministério do Trabalho, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registrou um saldo positivo de 244.315 vagas formais (com carteira assinada) em março, acima da mediana das estimativas. Foi o melhor resultado para o mês na nova série histórica do Caged, iniciada em 2000.

Conforme informado no site da B3 no dia 02 de maio, parte dos analistas (74,50%) passou a considerar a possibilidade de o Copom reduzir, já agora na sua reunião de maio, o ritmo de corte da Selic de 0,5 ponto porcentual para 0,25 ponto, embora na ata da última reunião do Copom haja a informação da manutenção do ritmo por mais esse encontro.

Política Fiscal: O governo reduziu a meta fiscal e adiou os ajustes das contas públicas. Na primeira mexida desde que o novo arcabouço fiscal entrou em vigor, há menos de um ano, a equipe econômica anunciou mudanças na meta para as contas públicas em 2025 e 2026 e adiou a expectativa por um resultado positivo.

A meta de 2025 foi reduzida de superávit de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para zero. O alvo para 2026 caiu de 1% para 0,25% de superávit. As metas de 2027 e 2028 - já no mandato do próximo presidente da República -, que ainda não haviam sido fixadas, ficaram em 0,50% e 1% do PIB, respectivamente.

O anúncio expôs fragilidades do novo arcabouço fiscal, já que o governo contava com o aumento de arrecadação para cumprir a regra. Nos três primeiros meses do ano, o Governo Central registra superávit primário de R\$ 19,431 bilhões, valor 39,8% menor que o obtido no mesmo período do ano passado, descontado o IPCA, quando foi R\$ 31,208 bilhões. As contas



do governo ainda registram superávit em 2024 por causa do resultado positivo recorde de R\$ 79,337 bilhões em janeiro.

Inflação: O IBGE informou no dia 10 de abril que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) variou 0,16% em março de 2024, depois de subir 0,83% em fevereiro. Com o resultado, a taxa de inflação em 12 meses aliviou de 4,50% para 3,93% entre um mês e outro.

Ao mesmo tempo, os números vieram abaixo das expectativas do mercado financeiro. Pelo consenso do Boletim Focus, a expectativa era de alta mensal de 0,24%, com o índice anual baixando a 4,01%.

Conforme o IBGE, a maior alta no índice veio do grupo alimentação e bebidas. Contudo, a variação de 0,53% ficou abaixo da alta de 0,95% da leitura de fevereiro. Na sequência, o grupo saúde e cuidados pessoais subiu 0,43%, oscilação também abaixo do avanço de 0,65% do mês anterior.

Por outro lado, o IPCA de março contou com o alívio nos preços do grupo dos transportes, que teve deflação de 0,33% no mês. Isso depois de encarecer 0,72% em fevereiro. Simultaneamente, o grupo educação, que havia disparado 4,98% um mês antes, cresceu 0,14% agora em março.

IPCA-15: O indicador que mede a prévia da inflação para o mês de abril e será divulgado no dia 10 de maio, teve a divulgação que o IPCA-15 de abril ficou em 0,21%, 0,15 ponto percentual menor que o de março, quando variou 0,36%.

Em abril de 2023, o índice ficou em 0,57%. Nos últimos 12 meses a variação é de 3,77%, abaixo dos 4,14% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. No grupo de Habitação, onde energia está inserido, a variação ficou em 0,07%. A energia elétrica residencial teve recuo de 0,07% no período.

De acordo com o IBGE, houve reajustes de 3,84%, a partir de 15 de março, e de 2,76%, a partir de 19 de março. O resultado foi influenciado pelo grupo de Alimentação e Bebidas, com alta de 0,61% e impacto de 0,13 ponto percentual no índice geral. O grupo Transportes



foi o único a apresentar queda, de 0,49%, com impacto negativo de 0,1 ponto no índice geral.

IGP-M: O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) registrou uma variação de 0,31% em abril, demonstrando uma inversão em relação ao mês anterior, quando apresentou uma queda de 0,47%. Com esse resultado, o índice acumula queda de -0,60% no ano e de -3,04% nos últimos 12 meses. Em abril de 2023, o índice tinha registrado taxa de -0,95% no mês e acumulava queda de -2,17% em 12 meses anteriores.

O IGP-M é o resultado de um mix de três indicadores, voltados para os produtores, consumidores e construção civil. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) tem peso de 60% do cálculo final. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) representa 30% do total e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), 10%.

Indicadores Econômicos

SELIC META: : A Taxa Selic Meta definida na última reunião do Copom realizada em março está em 10,75% ao ano. A próxima reunião do Copom está agendada para os dias 7e 8 de maio.

SELIC OVER: A taxa básica de juros nacional fechou o mês de abril em 0,89% e nos últimos doze meses com rentabilidade acumulada de 12,32%, no ano atual 3,53%.

CDI: O Certificados de Depósitos Interfinanceiro, que remunera as aplicações pós fixadas, atualmente encontra-se em 10,65% ao ano e teve um fechamento de 0,88% em abril, no acumulado dos últimos doze meses em 12,31% e acumulado no ano de 2024 em 3,53%.

IPCA: O Índice de Preço ao Consumidor em março foi de 0,16% de inflação e 3,93% no acumulado dos últimos doze meses. O encerramento definido da inflação de abril será notificado no dia 10 de maio.

POUPANÇA: No mês anterior, com a Selic cotada a 10,75% ao ano, a Poupança rentabilizou 0,50% + TR de 0,10%, totalizando 0,60% para o mês de abril, nos últimos doze meses encontra-se em 7,62% e para ano de 2024 correspondente a 2,25%.



IBOVESPA: O Ibovespa fechou abril com queda de 1,70%, enquanto para o ano atual está em -6,16%. No entanto, para os últimos doze meses teve um ganho de 20,58%.

Entre 1 e 9 de abril, o principal índice de ações da Bolsa brasileira até ensaiou uma recuperação e subiu 1,39% no período, para 129,8 mil pontos - o maior patamar desde fevereiro. Entretanto, a divulgação dos dados de inflação dos EUA azedou o humor dos investidores e fez o índice se desvalorizar.

Essa dinâmica desaquece a renda variável dos demais mercados, em especial os emergentes, já que os investidores estrangeiros tendem a tirar dinheiro de ativos de risco para realocar esse capital no Tesouro dos EUA. Somente entre 1 e 26 de abril, dado mais recente, os gringos sacaram R\$ 10,6 bilhões da B3.

Para melhorar esse cenário, o início do corte de juros nos EUA é fundamental, mas para isso a inflação americana precisa dar sinais de desaceleração. O que ainda não aconteceu.

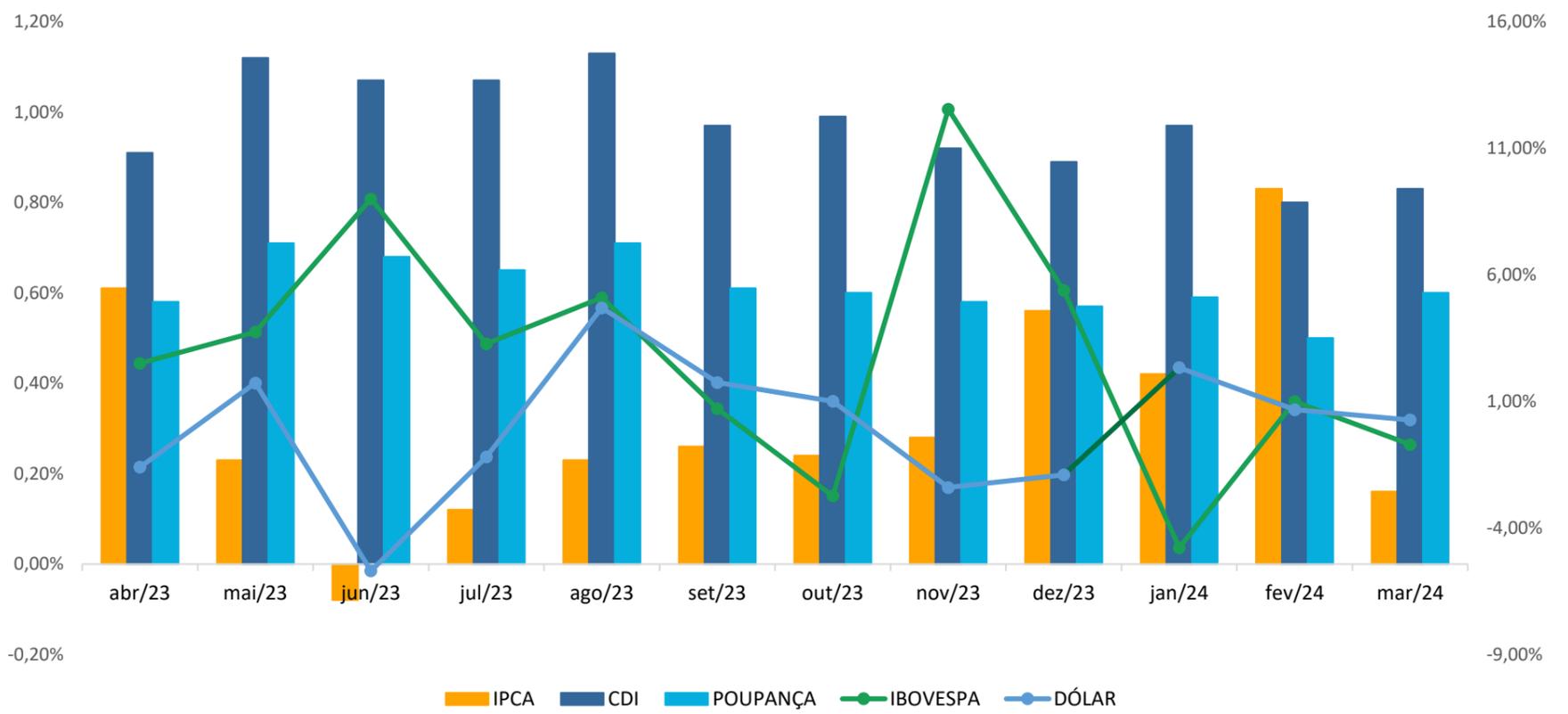
DÓLAR: A moeda em abril encerrou o mês negociado a R\$ 5,17 e acumulou elevação de 3,51%, no ano atual ganho de 6,83%, já no acumulado dos últimos doze meses está em 3,42%.

As perspectivas de juros altos por mais tempo nos EUA fortaleceram o dólar contra o real e ofuscou até mesmo o dado brasileiro de inflação, divulgado na mesma data em que o CPI americano.

O cenário no exterior continua desvalorizando as moedas dos países emergentes, na medida em que o risco de juros mais altos aumenta o fluxo de recursos para os países desenvolvidos. Entretanto, não foi apenas a situação da economia norte-americana que impactou o real no mês. O acirramento dos conflitos no Oriente Médio, após um ataque do Irã contra Israel no dia 13 de abril, acelerou a busca por proteção em ativos como dólar.



Indicadores Econômicos nos últimos 12 meses





Onde investir neste cenário?

Na Cooperativa existem excelentes alternativas para a segurança e rentabilidade dos seus investimentos em todos os cenários econômicos.

A aplicação em **Cotas** contribui com o senso de pertencimento, aumento de solidez da cooperativa e é uma opção assertiva para formação de patrimônio no longo prazo, com segurança e a possibilidade de remuneração ao capital. Com a Selic ainda em patamares elevados, a expectativa é que a remuneração dos investimentos em renda fixa continue atrativa. As aplicações em **RDC e LCI Pós-Fixado** são ótimos investimentos pois acompanham a variação da taxa.

A modalidade **RDC Pré-Fixado** também é uma excelente oportunidade para investimentos no longo prazo mesmo após a redução da Selic. Neste caso, a taxa é pré-determinada no momento da aplicação e por isso, garante previsibilidade em relação à rentabilidade do investimento.

Além disso, o investimento na modalidade **RDC IPCA+**, contribui para trazer a garantia da rentabilidade real. Isso porque, além da rentabilidade atrelada ao indicador de inflação, a modalidade conta com uma remuneração adicional de uma taxa pré-fixada no momento da aplicação, sendo vantajosa principalmente para o longo prazo pois mesmo que ocorra uma alta inflacionária, os investimentos não perderão o poder de compra.

A **Previdência Privada** é uma ótima sugestão para o foco no longo prazo, visando uma aposentadoria mais confortável com benefício da tributação conforme a sua condição de vida além de contribuir no planejamento da sucessão patrimonial.

As aplicações em **Poupança e Aplicação Programada** são ótimas recomendações para formação de reserva de emergência para eventuais imprevistos e auxiliar na programação mensal de novos aportes, além disso, também pode ser direcionado para futuras oportunidades devido às novas oportunidades de investimentos conforme a mudança do cenário de mercado.

Investir não precisa ser difícil e nem arriscado. A Cooperativa tem à sua disposição opções de investimentos com valores de verdade, que proporcionam segurança financeira e rentabilidade acima da média de mercado. Consulte o especialista de investimento da sua Cooperativa.